



## **GREVE SECTORIAL**

### **CENTRAIS TÉCNICAS DE LISBOA E PORTO**

#### **“QUANDO O COPO TRANSBORDA”**

Há anos, que entre as muitas dificuldades que a RTP sofre, uma das que se destaca é a falta de atenção dada à parte técnica da empresa e principalmente aos que nela trabalham. É o caso do C.N.C.T., “Central Técnica de Lisboa” e da Central de Comutações do Centro de Produção Norte, “Central Técnica do Porto”.

De forma correcta, construtiva e paciente, os trabalhadores destes dois serviços, quer através da D.R.H., no caso do Porto, quer através do próprio Conselho de Administração no caso de Lisboa, procuraram alertar a empresa, para os problemas técnicos que a decadência dos equipamentos da empresa colocava, para a falta de recursos humanos causada pela aposentação próxima de trabalhadores para os quais não havia substituição e para paralisia absurda das suas desadequadas carreiras profissionais.

Em Lisboa, os trabalhadores estão espalhados por cinco carreiras distintas no mesmo serviço com diferenças salariais entre trabalhadores que ascendem a 600 euros entre os mais jovens e com os mais seniores em carreiras onde não têm qualquer capacidade de evolução, por muitos mais anos que ainda venham a trabalhar. Acresce a este problema a iminência próxima da aposentação de alguns deles sem que tenha sido acautelada em tempo útil a substituição e formação de trabalhadores para os substituir numa das áreas mais sensíveis da RTP.

No Porto, os trabalhadores desta área, com décadas de antiguidade na empresa, acumulam há vários anos as tarefas de Central Técnica, AGS, AGP e Videotape estando todos no nível 1, Escalão C, da carreira de Técnico de Gestão de Sistemas, o que é um completo absurdo. Desde Setembro de 2016 que fazem exposições colectivas da questão à D.R.H. recebendo como resposta que, após análise, “ainda não reúnem as condições necessárias para a alteração da situação profissional.” Ainda?!? Os trabalhadores acumulam 4 tarefas distintas há 8 anos consecutivos.

Entretanto em Lisboa os trabalhadores reuniram-se com o Conselho de Administração por duas vezes e apresentaram várias propostas para resolver a situação, que foram recusadas, limitando-se o C.A. a propor a criação de um nível de uma carreira que ainda não existe e à análise posterior sobre quais destes trabalhadores para lá iriam. Como se esse não fosse o procedimento normal após a criação de qualquer nível de uma carreira. Isto não é uma proposta, isto é adiar o problema.

Os trabalhadores têm razão! Agiram correctamente e esperaram até quando lhes foi possível, que o Conselho de Administração fizesse o que tinha que fazer, tomar decisões. Quando foi óbvio que o objectivo parecia ser “empurrar com a barriga” mais uma vez, como acontece com centenas de trabalhadores que há anos esperam por uma decisão do seu reenquadramento profissional, decidiram que não iriam esperar mais.

A pandemia não pode servir como justificação para suspender os direitos e aspirações justas de quem trabalha de forma dedicada a esta empresa com risco acrescido para si. A RTP não pode sistematicamente parar de tomar decisões sobre os trabalhadores que estão na base da actividade da empresa, de cada vez que há uma mudança de conselho de administração. Os trabalhadores não podem ver somadas às já injustas restrições externas que impedem o avançar das suas carreiras, uma espécie de obrigação informal de tudo na empresa parar até que o C.G.I. decida quem são os senhores que se seguem.

Os trabalhadores, vendo aproximar-se a saída do actual Conselho de Administração e a possibilidade exasperante de passar mais uns anos a tentar explicar aos “novos” que agora entram, a sua desesperada situação profissional, decidiram que bastava de esperar. O actual C.A. nunca pareceu perceber que o timing para a resolução destes problemas não era a entrada do novo, mas a possibilidade da saída deste sem qualquer decisão após anos de espera.

Assim, os trabalhadores destes dois sectores decidiram no dia 12 de Março pela marcação de uma **greve entre as 0 horas do dia 20 e as 24 horas do dia 23 de Março de 2021**, e apelam aos restantes colegas a solidariedade para com o seu protesto, através do mais nobre acto de camaradagem possível, o respeito pela justa luta de quem trabalha ao seu lado, através da recusa de substituir trabalhadores grevistas e a recusa de assumir qualquer trabalho extra que menorize a sua greve.

O copo transbordou de vez, talvez outros também já estejam cheios por esta altura.

Lisboa e Vila Nova de Gaia, 15 de Março de 2021.

